

## MIR(AR) Mundos

Mir(AR) mundos pelos olhos das mulheres é o convite mais objetivo a se fazer a quem se dispõe a habitar e percorrer o conjunto de imagens que compõem esta seção. Para sermos menos objetivas, podemos dizer que os trabalhos aqui reunidos formam encruzilhadas e zonas de fronteiras entre as experiências de mulheres periféricas que organizam suas práticas artísticas e sociais tendo como referência seus próprios quintais - terreiros familiares, lutas sociais, ruas da cidade e outros tantos lugares visíveis e invisíveis. No exercício de grafar no tempo os rastros da memória que as constituem, as artistas *Day Fernandes*, *Mara Mbhali*, *Mahu Lima*, *Mari Salomão* e a rede de mulheres *Periferia Segue Sangrando* denunciam as asfixias de hoje e outrora, evocam faturas assentadas na ancestralidade e propõem a construção de novos imaginários e futuridades como alimento para a continuidade da vida em coletivo. Em tempos nos quais respirar é uma metáfora de morte-vida, *Brejeira*, de *Day Fernandes*, apresenta de forma afetiva fragmentos da diáspora agrestina para os grandes centros urbanos. Como um convite à contemplação do simples, que é imenso, a artista coloca em evidência as relações entre tempo, memória, terra, território e continuidade. Com seu corpo em performance, *Mahu Lima*, em *Descolonizar a mente, o corpo y o Espyrytu: para não ser mais feitas de laços, mordida por cães, jogadas no mundo*, denuncia as violências históricas contra os povos originários e os povos negros no Brasil. Quem a observa não pode escapar de reconhecer em si a responsabilidade diante daquilo que asfixia e mata os corpos racializados. Em *Orikilombo*, utilizando a simbologia da arte ancestral conhecida como *Áròyá*, signos que são também uma forma de escrita e sistema numérico, *Mara Mbhali*, tensiona a estrutura racista que desumaniza corpos negros, afrografando nesses corpos heranças africanas que exaltam suas existências a partir de outros códigos civilizatórios, evocando as ciências e saberes negros ancestrais soterrados pelo ocidente. Seus estudos partem da arte Yorubá Oníse Oná, que tem como fundamento traduzir valores consagrados pelo tempo em metáforas destinadas a sustentar a humanidade, no corpo e no espírito. Em cada traço de seus desenhos, criados antes e durante a quarentena imposta pela pandemia do novo coronavírus, *Mari Salomão* reúne leveza e sutileza, sem abrir mão de um tom crítico e questionador, para refletir sobre a ampla, complexa e diversa experiência de ser mulher. Parece possível sintetizar a trama poética e política que se apresenta em seu trabalho na afirmação de que, na experiência de ser e existir mulher periférica, *antes da máscara já havia asfixia*. Nas ruas povoadas por exus, pombagiras e erês, os caminhos da festa e das lutas se encontram como princípio ético e exercício político para espantar a miséria. Nas imagens que contam a ação da rede de mulheres *Periferia Segue Sangrando*, corpos, palavras, sonoridades, danças e vozes ocupam as ruas das quebradas da Zona Sul de São Paulo, denunciando as violências estruturais contra às mulheres, reivindicando o direito destas à vida e tramando caminhos de cura, prosperidade e continuidade para elas e suas comunidades.